

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

Núcleo de História Oral

FICHA TÉCNICA

Código da entrevista: VR-HT-MA-011

Entrevistado: Sebastião da Silva

Local da entrevista: Estação Ferroviária de Mariana / Vagão Oficina de Vídeo e Sala de Histórias

Data da entrevista: 05/12/2006

Horário da entrevista: 15h40min

Duração da entrevista: 59min17seg

Equipe do Vale Registrar / História Oral:

Supervisão: Jason Barroso Santa Rosa

Subcoordenação: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Entrevistadores: Josanne Guerra Simões, Eder Donizete de Melo (monitor)

Gravação das entrevistas:

Coordenação: Bellini Andrade (EMVIDEO)

Produção: Mateus Brandão (EMVIDEO)

Câmera: Rafael Almeida Santos (monitor)

Equipamento utilizado: Câmera digital MiniDV

Transcrição: Eder Donizete de Melo

Data da transcrição: 22/02/2007

Conferência de fidelidade: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Data da conferência: 24/02/2007

Pesquisa para notas de rodapé: Elodia Honse Lebourg

Copidesque: Maria Angélica Vieira Bonome

[Início da entrevista]

Keka Simões – O senhor poderia nos dizer seu nome completo?

Sebastião da Silva – Meu nome é Sebastião da Silva.

Keka Simões – Onde o senhor nasceu?

Sebastião da Silva – Eu nasci em Mariana.

Keka Simões – Qual a data?

Sebastião da Silva – Vinte e oito de fevereiro de 1954.

Keka Simões – O senhor tem algum apelido?

Sebastião da Silva – Normalmente me chamam de Tião.

Keka Simões – Qual é o nome dos seus pais?

Sebastião da Silva – Meu pai é Alcides Josafá da Silva. Ele era ferroviário. Minha mãe é Diva Santos da Silva. Era doméstica.

Keka Simões – Seu pai era ferroviário. Ele trabalhava na Estação de Mariana?

Sebastião da Silva – Trabalhava. Ele trabalhava no trecho de Miguel Burnier¹ a Mariana e de Mariana até Ponte Nova².

Keka Simões – Qual era a função dele na...

Sebastião da Silva – A princípio, meu pai foi guarda-chave³. Depois passou a trabalhar no trem de socorro⁴. Depois passou a trabalhar como chefe-de-trem. Eles falavam guarda: era o bilheteiro dentro do vagão de passageiros.

Keka Simões – Nessa época, o senhor e sua família moravam perto da Estação?

Sebastião da Silva – Morávamos. Essa rua se chamava Rua Beira Linha e eu morava logo aqui abaixo, onde entra para a Rua Santa Cruz, indo para o Barro Preto⁵.

Keka Simões – Quando criança, o senhor vinha brincar na Estação? Qual lembrança o senhor tem?

Sebastião da Silva – É, inclusive da Maria Fumaça⁶ que hoje anda⁷ a gente já usufruiu muito. O meu pai ia para Bandeirantes... Meu pai é natural de

¹ Distrito de Ouro Preto, onde iniciava o Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

² Município de Minas Gerais, onde terminava o Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

³ Profissional responsável por operar a chave do AMV (aparelho de mudança de linha).

⁴ Trole, carro de apoio da ferrovia para conserto e conservação de estradas de ferro.

⁵ Bairro de Mariana.

Bandeirantes, o primeiro distrito aqui à frente, onde é a Estação de Ribeirão do Carmo⁸. A gente fazia esse trajeto, tinha esse privilégio por ser filho de ferroviário. Sempre estava pegando uma carona. Tinha os trens de horário: o expresso, o misto (um trem que trazia carga e passageiros). A gente costumava ir para Bandeirantes de manhã e voltar à tarde ou no horário de meio-dia. Então a gente pegou esse período aí, quando a Rede⁹ ainda funcionava. A Central¹⁰... Depois veio a Leopoldina¹¹ que funcionou aqui com transporte de passageiro e carga.

Keka Simões – O senhor tem irmãos?

Sebastião da Silva – Tenho. Eu perdi o mais velho. Tenho hoje três irmãos e uma irmã.

Keka Simões – Em que eles trabalham ou se aposentaram?

Sebastião da Silva – Um é metalúrgico. A minha irmã é doméstica. Os outros dois trabalham em mineração: um é formado na Escola Técnica Federal de Ouro Preto¹²; o outro trabalha na Companhia Vale do Rio Doce, hoje.

Keka Simões – Certo. O senhor trabalhou em outra profissão além do garimpo? Qual é a sua formação?

Sebastião da Silva – Eu me formei em Mariana. Estudei aqui até o segundo grau e me formei na Escola Técnica Federal de Ouro Preto em 1983. Fiz curso de Mineração. Mas antes eu também fui ferroviário, lá em São Paulo. Fui em 1973 para São Paulo, onde ingressei na Central do Brasil. Trabalhei na parte de manobra. Eu já tinha até um certo conhecimento, porque a gente tinha o costume de acompanhar o pai, trabalhando aqui, fazendo manobra aqui. Eles faziam esse trecho aqui. Eu trabalhei em Itaquaquecetuba, [inaudível] São Paulo, aquele trecho de São José dos Campos, Taubaté¹³. Depois voltei para cá e fui para a Escola Técnica fazer o curso técnico. Eu tinha combinado com meu irmão de fazer o curso aqui e retornar para São Paulo. Depois que cheguei aqui, fiz Mineração e tomei outro rumo.

⁶ Apelido de locomotiva movida a vapor.

⁷ Refere-se à locomotiva do Trem da Vale.

⁸ Estação ferroviária localizada em um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Situada em Bandeirantes.

⁹ Rede Ferroviária Federal S/A.

¹⁰ Estrada de Ferro Central do Brasil.

¹¹ Estrada de Ferro Leopoldina.

¹² Atual CEFET, Centro Federal de Educação Tecnológica.

¹³ Municípios de São Paulo.

Keka Simões – Depois que se formou, onde o senhor foi trabalhar?

Sebastião da Silva – Eu trabalhei em Itapeçerica¹⁴, na mineração Nacional de Grafite¹⁵, que explora grafite. Depois eu vim trabalhar aqui na mineração Samitri¹⁶, uma que faz... Hoje é da Vale do Rio Doce, não é? Aqui na Alegria¹⁷.

Keka Simões – Certo. Até quando o senhor trabalhou na Samitri?

Sebastião da Silva – Eu trabalhei até 1993, quando tive... Eu trabalhava na área de desmonte e carregamento de minério, mexia com manuseio de explosivo – era desmonte com explosivo. E eu tive uma intoxicação com TNT e isso culminou em uma retrocolite, um problema intestinal. Essa retrocolite... Acabaram me aposentando por invalidez. Então eu perdi a oportunidade de dar seqüência, quer dizer, infelizmente... Eu estudei, mas fui podado no meio do meu caminho para exercer a minha profissão por um tempo mais extenso. Mas continuo aí. Mexer com mineração é o que me agrada, sabe?

Keka Simões – Como o senhor começou a garimpar? O senhor já garimpava antes? Como foi isso?

Sebastião da Silva – Ah, sim... Em Bandeirantes, em quase toda a nossa região, principalmente daqui para lá, descendo para Bandeirantes, Monsenhor Horta¹⁸, Lavras Velhas¹⁹, Bento Rodrigues²⁰, uma atividade muito, muito normal, desde os tempos mais anteriores, é o garimpo, por ser uma atividade informal e por depender só da gente. O que acontece? O cara quer tirar ouro: ele passa a mão na ferramenta, vai para o leito do rio, carrega uma areia, joga ali e no final do dia está com o dinheiro na mão. O ouro é só... Pegou aquele dia... Antigamente era assim, não é? O pessoal trabalhava de manhã até à tarde. Pegava aquilo, apurava, ia ao comércio – nem vendia – e dava o ouro em troca do mantimento para levar para casa. Minha família – meus bisavós, avós, avô, meu pai (antes de vir para a Rede Ferroviária) – mexia com atividade de garimpo, faiscando, garimpando... Desde a minha infância... Depois eu fui... Eu descobri que tinha uma forma de não ficar sem dinheiro: era trabalhando no rio, era garimpando. A gente trabalha – praticamente já

¹⁴ Município de Minas Gerais.

¹⁵ Empresa que concentra suas atividades na área de mineração e beneficiamento de grafite natural cristalino.

¹⁶ Minerações Trindade S/A.

¹⁷ Mina de Alegria, mineração de minério de ferro que pertencia a Samitri e que foi incorporada à Companhia Vale do Rio Doce. Localizada em Mariana.

¹⁸ Distrito de Mariana.

¹⁹ Município de Minas Gerais.

²⁰ Distrito de Mariana.

trabalhou – em todos esses rios daqui, palmo a palmo. Em Bento Rodrigues tem mesmo um córrego muito falado – o Córrego do Ouro Fino – e muito bom para trabalhar. Também em pontos de Mariana, Ribeirão do Carmo, Monsenhor Horta, sempre compensou trabalhar, não é? Então a gente veio, desde a infância, acompanhando os pais: os pais ali, trabalhando com as ferramentas, e a gente carregando as latinhas com areia e jogando lá.

Keka Simões – Por que essa atividade tem o nome de garimpo? De onde veio esse nome, o senhor sabe?

Sebastião da Silva – O garimpo é uma atividade de fuscador, não é? O garimpo é... O garimpeiro é aquela pessoa que trabalha com apuração. Garimpar significa apurar. No caso, apurar pedra preciosa e ouro, principalmente. Refere-se a isso. No nosso caso, ele vem mais ligado à própria raiz da palavra: diamante e pedras preciosas. Então o garimpo realmente... O fuscador mexe com pedras, como é o caso do diamante: você vai ao leito do rio e fica ali lavando em uma peneira. No caso do ouro, na bateia, a pessoa está ali... Quando tem um certo volume que compensa... Ou às vezes não há condições de fazer a atividade por meio do que a gente fala que são canoas, canais – puxa-se dentro do leito –, costuma-se fazer um poço ou colocar água mais próxima do local onde está a ocorrência do ouro. Isso é feito pela gravidade: põe dentro da bateia e vai rodando dentro da água e o ouro vai concentrando no fundo. O importante é que tem que ter água, não é? Então essa atividade de garimpar significa apurar, apurar...

Keka Simões – Existe uma diferença entre garimpar e minerar?

Sebastião da Silva – É... A mineração já é diferente, já é uma coisa mais... Já é indicada para todo e qualquer tipo de extração mineral. No caso de garimpo, já é empregado somente para isto: questão de pedras e de metal nobre que é o ouro, não é? Em si, a mineração é tudo, independentemente de qual seja o mineral que está sendo extraído. E a questão também do volume que está sendo extraído: o garimpo sempre é em volume menor.

Keka Simões – O senhor poderia nos dizer alguma coisa sobre a origem do garimpo nesta região de Ouro Preto e Mariana? O senhor já falou que é algo que sempre se fez presente, não é?

Sebastião da Silva – Os bandeirantes começaram, não é? Na verdade, a gente sabe que, ao longo da história que a gente estuda, na própria história de

Mariana, da fundação da Vila do Carmo²¹ que deu Mariana, Ouro Preto, nossa região, esse pessoal – os bandeirantes – veio a se concentrar aqui, justamente por achar essa ocorrência, essa grande facilidade de extrair o ouro de forma ainda manual, não é? Aqui embaixo, na saída para Antônio Pereira²², na chegada tem alguns buracos que eles faziam, os sarilhos, onde eles conseguiam achar os bolsões, as panelas, onde achavam ouro. E ali se abriam galerias. Depois vieram a descobrir a Mina da Passagem²³. Então essa atividade, a princípio, sempre foi manual porque não existia ainda maquinário. Com o passar do tempo, o que o homem jogou fora naquele tempo – porque não era mais econômico tirar no braço, na mão – se tornou altamente proveitoso com o maquinário. É o que acontece hoje. O volume que se lava com um maquinário, mesmo que seja pequeno, em um garimpo com motor, recompensa, dá uma compensação; enquanto no manual o que se tira mesmo é só para subsistência, só para manter ali uma pessoa que está desempregada. Ou então... Quando se acha uma compensação... Por muito pouco que se ache quando está trabalhando no manual, é compensativo. Agora, a origem vem mesmo daí, não é? A princípio, os escravos faziam esse trabalho, tinha um grande volume de ouro, não é? Com o tempo, a escória²⁴ que foi jogada fora vai sendo carregada, foi sendo carregada, é claro, com a lavagem, com água, com chuvas e [até cair em]²⁵ leito de rios. Daí veio a se criar uma alternativa depois: “Ah! Como é tirar o ouro agora se com o braço não está compensando?” Então a origem mesma é dessa forma.

Keka Simões – O senhor conhece, aqui na região ou fora daqui, outros nomes de rios, de local que tem a ver com a mineração ou atividade garimpeira? Por exemplo, o nome da cidade Ouro Preto vem da questão do garimpo, não é isso?

Sebastião da Silva – É. Ouro Preto... Segundo consta da história, eles acharam umas pedras negras e julgaram ser um... Confundiram com um tipo de mineral ou de pedra preciosa. No final, acabaram encontrando ouro e a atividade se tornou a principal. Na verdade, o que se procurava na época...

²¹ Nome original de Mariana.

²² Distrito de Ouro Preto.

²³ Companhia Minas da Passagem, em Passagem de Mariana, distrito de Mariana.

²⁴ Rejeitos provenientes de atividades de mineração.

²⁵ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

Segundo as informações históricas, os bandeirantes sempre procuravam essas pedras mais cobiçadas em Portugal: as esmeraldas, o próprio diamante. E vieram esbarrar em uma concentração muito grande de ouro aqui na nossa região, em Minas Gerais, em Mariana. Em quase todo local aqui, conseguiram achar ouro em compensação para poder extrair. Então foi assim: procurando uma coisa, encontrou-se outra, não é? Em Mariana, esse leito de rio²⁶ inclusive já foi dragado várias vezes. Em Bandeirantes, no terreno onde moro hoje – que foi do meu bisavô, foi do meu avô, foi do meu pai e hoje eu estou com meus irmãos... Já foi vendido para a draga da Mina da Passagem... Uma boa parte do terreno já foi dragada e ainda existem pontos que nunca foram mexidos. Mas a draga já passou várias vezes. Ela consiste em um guindaste que pega com uma caçamba; tem o concentrador dela, que anda dentro e que eles chamam de batelão. Ali tem tudo, os jiques²⁷... E o material é jogado dentro...

Keka Simões – Tem o quê? Jiques?

Sebastião da Silva – São jiques, são... Concentradores. Esse batelão fica dentro do poço da lagoa e a draga, o guindaste, tira e joga dentro desse batelão. Eu me lembro dessa draga passar, por duas vezes, não dentro da cidade – daqui eu não lembro –, mas por fora de Mariana, descendo para Bandeirantes, indo até Monsenhor Horta, por onde dava para ela descer dentro do rio. Onde ela²⁸ podia... Ela comprava o terreno, fazia a pesquisa. Se tivesse ali, ela comprava o terreno e extraía o ouro, em grande profundidade, 15 metros, 20 metros.

Keka Simões – O senhor falou que, desde a infância, já garimpava acompanhando seu pai e seu avô. Como se aprende o garimpo manual? Como a gente garimpa manualmente?

Sebastião da Silva – O garimpo manual tem algumas formas mais usadas. Primeiro precisa ter uma bateia. Usava-se antigamente... Chamava-se avião. Hoje se costuma cortar uma pá, cortar um pedaço de enxada, levar na serralheria onde a pessoa solda, porque tira mais material, porque senão o material desce, não é? A enxada é aberta, ela não traz o material para cima, porque senão a água tira. Então o que você faz? Eu trabalho muito com esse

²⁶ Ribeirão do Carmo.

²⁷ Equipamento para separar materiais de densidades diferentes mediante o movimento alternado e vertical de uma corrente de líquido (água, em geral), que faz sobrenadar o material mais leve e submergir o mais pesado.

²⁸ Refere-se à Companhia Minas da Passagem.

sistema de canal – chama-se sistema de canal. Meu avô trabalhava. Antigamente, os canais onde se tirava... Eles jogavam... Às vezes, o cabo da ferramenta tinha quatro metros, cinco metros de comprimento. Era uma vara... Uns cabos de uma madeira chamada pindaíba... Dava uma vara muito comprida, reta, retinha e leve. Quando ela fica... Ela vai secando, ela vai ficando mais leve e... Os canais eram fundos, porque o ouro estava sempre no fundo. Naquela época, alguns locais ainda não tinham sido dragados. Hoje a gente não precisa puxar mais do que um metro, um metro e meio de profundidade; não precisa mais ir tão ao fundo. Então a gente pega ali, faz um cerco para controlar a água. Depois começa a puxar o material para cima e puxar o cascalho para o outro lado. Faz uma parede de um lado e do outro...

Keka Simões – Com o cascalho?

Sebastião da Silva – Com o cascalho. E a água entra no meio – por isso se chama canal. A gente vai puxando o material e descendo, vai puxando e jogando para cima. O garimpeiro fala que é a cabeceira do canal, o ponto. Ali a água vai lavando e carregando o material mais leve. A gente vai tirando as pedras com um rastelo de madeira com grampos, para ajudar na concentração. Vai tirando aquele cascalho, vai pondo de um lado e do outro; vai fazendo aquele corredor e a água vai cortando, a areia vai descendo e vai concentrando, o material com densidade vai ficando mais pesado. Aí fica ali na cabeceira, até mais ou menos um metro de comprimento. Não vai mais do que isso, porque a densidade do ouro é 25 vezes maior do que a da água. A tendência do ouro é ficar ali; mesmo quando se põe bastante água, carrega muito pouco do ouro, mesmo que seja mais fino. Então vai descendo uma areia, vai descendo por dentro do canal. Depois se forma aquele canalzinho que é até bonito ver, e a água sempre cortando a areia. Depois que puxa aquela areia também, quando já tem areia suficiente, pega uma vara, pega o pano... Não importa... Ele não pode ter furo, senão o ouro passa no furo e volta para dentro do rio. O pano não pode ser com muito nem com pouco pêlo; é o suficiente para poder pegar o ouro. Ele pega bastante areia, mas é preciso que o ouro esteja em contato com o pano. Não dá para se usar carpete. Nas dragas se usa carpete. Como a água é pouca, usa-se um pano. Antigamente, usavam-

se uns sacos que eles falavam Sacos Mauá²⁹. Só que eles davam gretas, davam uns furos. O certo mesmo é usar um cobertor, um cobertozinho ali. Joga, vem trazendo aquele concentrado e vai jogando por cima do pano. Quando cai por cima do pano, a areia vai passando, o ouro cai em cima do pano e fica tudo ali. Dá para ver isso no pano. É uma coisa muito... Depois a senhora pega aquele pano e bate dentro de uma bacia. Eu não usava bacia, eu sempre tinha uma lona, fazia um buraco no chão... Levar bacia para o matto, o pessoal pegava. Batia o pano ali dentro, pegava aquela areia, punha dentro da bateia, enchia de água depois e lavava e ia apurando ali. Lavava duas vezes, três vezes e ali ia apurando.

Keka Simões – Esse era o método manual, não é?

Sebastião da Silva – É o sistema mais artesanal. Tem uma outra forma. Às vezes, a pessoa pega dois pedaços de madeira, coloca o pano ali dentro, dá um espaço mais ou menos na frente, faz a água passar por dentro. Pega a areia lá fora e põe em um carrinho. Ou pega em uma lata, vem e joga ali dentro. Vai limpando, tirando as pedras. Depois pega o material e passa por cima do pano. É sempre o mesmo processo.

Keka Simões – Entendi. E a draga tem a possibilidade de pegar um volume maior do leito do rio, não é isso?

Sebastião da Silva – É. A draga tem um sistema mais... Para atingir até questão de profundidade. Na draga já existe a bomba para succionar, para fazer a sucção. Normalmente, os motores usados aqui são motores 11/13 de caminhão, que são os motores mais potentes. O material que fica junto com o ouro, que é o minério de ferro, é pesado. Há muita sílica, a sílica é muito leve. Mas tem mais minério de ferro e tudo, não é? Na sucção sai pedra, sobe tudo. Então tem que ser um motor mais potente. Normalmente se usam, para bomba, seis polegadas. Normalmente é. A polegada média é de seis. Faz uma caixa... Primeiro põe o ponto de sucção – eles falam maraca – para puxar, para succionar passando pela bomba, quando a força do motor levanta nos canos. Em cima põe uma caixa e esse material é jogado dentro da caixa. Nessa caixa se faz uma bica, nessa bica coloca carpete dentro. O material fica caindo, succionado lá embaixo, sobe junto com a água e cai dentro da caixa. Ali dentro

²⁹ Até o momento, não foi possível obter informações sobre o produto citado.

da caixa fica a maior concentração. O que escapa da caixa cai na bica; caiu na bica fica no carpete. O cuidado é para que o carpete esteja sempre bem colocado. E ali vai trabalhando. Depois de um certo tempo... Depois, quando for... Tira o material da caixa, tira o material do carpete e bate e vai lavando tudo.

Keka Simões – O senhor trabalha também com draga?

Sebastião da Silva – Já trabalhei. Hoje a gente está tentando reaver uma área para trabalhar, porque hoje a maioria dos garimpeiros está trabalhando com dragas. Precisam. A concentração do ouro ficou mais difícil, ficou mais baixa e o acesso ao ouro ficou mais difícil. Hoje, nos locais onde se trabalha, em média o ouro está a oito, sete, nove metros de profundidade. Então, tem que se abrir um poço até chegar lá; e achar áreas de aluvião, onde tem sedimentação de cascalho com argila e areia, dá um certo trabalho. Não se acha mais esse ouro aflorante, como a gente achava antigamente.

Keka Simões – O senhor possui registro profissional como garimpeiro? Como é essa questão do registro? Existe um registro de garimpeiro?

Sebastião da Silva – Olha, é uma questão sobre a qual já estive pensando quando a gente constituiu uma Associação aqui. Nós temos uma Associação e também tem uma cooperativa. Hoje a gente está procurando se organizar, porque sempre essa classe esteve assim, diria eu, desgarrada, não é? O garimpeiro sempre trabalhou cada um para si – era tipo um trabalho artesanal e também para a subsistência. Então o moço ia com a família trabalhar para poder trazer o pão de cada dia para a família, não é? Com a chegada do maquinário, por muito pequeno que seja, ele já necessita de uma equipe, precisa ter pelo menos cinco ou seis pessoas trabalhando. Já entra o problema do Meio Ambiente³⁰, já desmonta um certo volume, mesmo que aquilo vá retornar para ali, mas sai dali, joga para lá e depois traz de volta e existe um... É cansativo, é pesado, o peso é muito grande: carregar motores, movimentar todo... O local onde se trabalha normalmente é local de difícil acesso, às vezes não tem nem estrada direito. E sempre foi necessário... Atualmente, isso está tendo muita necessidade. E precisa, não é? Vai fazer quatro anos que eu e mais um grupo de pessoas constituímos essa Associação...

³⁰ Órgãos governamentais relacionados à legislação, preservação e fiscalização do meio ambiente.

Keka Simões – Qual é o nome da Associação?

Sebastião da Silva – Associação de Garimpeiros em Ouro, Pedra Sabão e Quartzito da Região de Mariana e Ouro Preto. Nós até fizemos um projeto, pedimos e tivemos a liberação da região de Antônio Pereira, onde tem uma área muito boa para garimpo. Só que, infelizmente, houve um probleminha técnico e essa área ficou... A gente começou a trabalhar e teve que parar a atividade. Mas existem outras áreas, não é? A legalização é um pouco complicada e até a própria regulamentação da profissão. Eu já vi, eu tenho informações sobre Previdência³¹... Achei até interessante isso! Eu vi a respeito de aposentadoria e lá está relacionado o garimpeiro artesanal. Eu achei interessante: como o garimpeiro não pode trabalhar e pode se aposentar? [riso] Eu achei aquilo interessante: como você vai contribuir como garimpeiro artesanal se a profissão não é legalizada? Quer dizer, na verdade não é bem a questão da profissão não ser legalizada ou de ter que se vincular a algum órgão. Na verdade já existe, existe e está lá dentro da lei da Previdência. Eu vi, tem isso lá escrito nesse artigo, que agora não estou lembrando qual é, não é? Se existe, então a profissão é legalizada, gente! E é, talvez não só agora: desde que o mundo existe se faz garimpagem de pedras preciosas e de ouro. Na América do Norte, em todo lugar que se vai, não é? A gente vê de onde se extrai esse metal, não é? Só se extrai dessa forma, porque antigamente não tinha maquinário. Então, acho que é a profissão mais antiga do mundo, viu? Para não ser legalizada...! É um contraponto interessante! Eles falam assim: “Puxa, mas o garimpeiro é vinculado a quem? Como ele é legalizado?” Eu não entendo como ele não é legalizado. Acho que o garimpeiro e o lenhador são as profissões mais antigas que existem na face da terra!

Keka Simões – Mas para ser um garimpeiro manual...

Sebastião da Silva – Ah, sim...

Keka Simões – Não estou falando da questão dos equipamentos, porque um equipamento exige não tanto habilidade do garimpeiro. Para se garimpar manualmente, a pessoa tem que ter alguma habilidade?

Sebastião da Silva – Ah, não! É uma questão de prática.

Keka Simões – Prática?

³¹ INPS, Instituto Nacional de Previdência Social, atual INSS, Instituto Nacional de Seguridade Social.

Sebastião da Silva – É uma questão de prática. Porque a água faz o trabalho, sozinha, pode-se dizer assim. A questão de a pessoa ter aquela prática... Só de entender que é um processo natural... Se a gente pegar um pedaço de uma areia e jogar no pano dentro da água, fatalmente a água – isso aí é física – vai tocar, vai levar, vai carrear o material leve e o material mais denso vai cair ali e ficar. O ouro é 25 vezes mais pesado do que uma molécula... Um grama de ouro é 25 vezes mais pesado do que um grama de água. Então isso aí é uma questão da prática. Agora, existem várias formas para se chegar a esse último processo, a esse último estágio que é jogar o material concentrado ali para poder separar o ouro. Pode ser bateia... Mas isso tudo pela prática, não é? A pessoa fala: “Eu nunca bateei!” Ela pega e começa a rodar a bateia. De repente, vê: “Olha! Consegui!” É assim mesmo, é mais na prática.

Keka Simões – Como se escolhe um local para garimpar? O que a gente tem que observar para escolher um local para garimpar?

Sebastião da Silva – É um ponto importante. A pessoa chega a um rio. Primeiro vamos dentro da água, não é? Se achar ouro em condição de trabalhar dentro da água, melhor. Já é meio caminho andado. Porque basta abrir o canal... Principalmente olhar o local onde tem queda d’água... Tem lugar em que o rio, às vezes, é nivelado. Para se tirar ouro dentro de uma lagoa, só se for bateando. É cansativo e rende muito pouco. Agora, dentro de um rio, água corrente, queda d’água é importante. Esse ponto é importante porque você vai abrir o canal ou vai fazer a canoa, vai acertar ali o pano direitinho e vai jogar o material. Quanto mais joga, quanto mais corta, mais joga, mais corta, mais joga, mais a água leva o material leve, mais concentrado tem, e conseqüentemente mais vai apurar do ouro. Então é interessante olhar. Agora, como achar esse ouro? Aí vem a perspicácia, não é? A pessoa vai pegar a bateia. Procura dentro do rio, bateia, olha. Às vezes, dá umas pintas. Dependendo do número de pintas que der... Lugar que dá umas 20 pintas, 30 pintas de ouro... É importante observar como é essa pinta de ouro.

Keka Simões – O que é uma pinta de ouro?

Sebastião da Silva – Uma pinta de ouro é difícil ver. Às vezes, tem que virar um pouquinho na sombra. O ouro não precisa ser muito em volume; ele já é muito no peso. Então, quanto mais em volume, muito mais em peso, não é? Quando se olha o ouro... Normalmente, o ouro que a gente acha aqui é ouro

bem fino. Então a gente conta pelas pintas. A gente fala pinta, porque é um pedaço tão pequeno, tão minúsculo, que é como se fosse uma pintinha de ouro ali. A gente vê umas 20, 30 pintas de ouro: é um bom presságio, pode trabalhar que dá. Agora, no caso da draga é diferente. A draga quer achar a maior concentração e vai achar porque lá no fundo tem. Ela vai achar. No nosso caso, que é manual, com 20 a 30 pintas de ouro se consegue um bom rendimento: talvez uns quatro, cinco décimos de ouro – seria meio grama de ouro – em uma rotina normal de trabalho. Porque normalmente o garimpeiro trabalha aí... São um pouco cansativos os movimentos, é pesado o trabalho. Ele trabalha, normalmente, umas quatro horas, eu diria assim. Quatro horas de serviço, puxando material, é muita coisa! Puxa-se bastante material! Se a gente for olhar o que se joga por cima da... Dentro da água vai puxando sem parar, porque a água não pára de levar. Quando caem muitas pedras, tem que dar uma paradinha para limpar, não é? Quando se acha essa prospecção... É importante também observar como é a característica dessa pinta de ouro. Se ela está estriada... Se ela está redondinha, é sinal que ela é rolada, que ela vem de longe.

Keka Simões – E se ela for estriada?

Sebastião da Silva – Se ela for estriada, é sinal que ela vem de perto, que ela rolou pouco. Então a gente pode estar perto de um veio, pode estar perto de uma concentração maior. E também tem aquela certeza de que ali pode haver até uma pepita, mais pintas maiores, eu diria assim, ou até pedaços de ouro. Eu já trabalhei em locais assim. Quando se acha esse ouro que tem essas estriadas... É um ouro pontiagudo, não é um ouro rolado; a gente percebe ali na pinta que ele não é rolado. Quando o ouro é rolado, ao se jogar água na bateia, ele desce, ele já está todo lisinho. Quando se joga e o ouro não é rolado, ele costuma ficar agarrando. Esse é o sinal de que ele veio de perto. Ou de que talvez esteja por ali mesmo, em cima do local. Ali, sim! Ali pode ter até uma surpresa! Eu já trabalhei em locais onde dava para catar sim. Enquanto estava tocando o concentrado para passar no pano, a gente já jogava com a mão; se fosse puxar com uma enxada ou com uma ferramenta qualquer, aí ia tocar de vez, aí podia a areia ficar por baixo e o ouro passar, não tocar no pano, porque ele toca no pano e pára. E eu achava pepita de seis décimos, oito décimos. Isso tudo aqui nesta região, que já é bem revirada, não é? Mas o que

é para a gente muito, já é fino, não é? O que a draga joga fora é aquele material misto, é o próprio rejeito. A gente tem sempre três materiais que são jogados fora: um rejeito que é mesmo uma escória, um misto e um concentrado. Aquele concentrado é que é o objetivo. Aquele misto joga-se fora. De repente, ali tem muito rejeito, mas tem material bom nele! Tem ouro!

Keka Simões – Ele pode aparecer em uma garimpagem manual?

Sebastião da Silva – Ah, ele é interessante! Esse é o que a gente acha mais, porque... Por exemplo, quando a draga passou, passou tirando, revirando e tirou o concentrado. Jogou fora. Esse misto que ela jogou fora, esse próprio rejeito que ela jogou, para a gente é importante.

Keka Simões – O senhor está falando do ouro, do garimpo do ouro. Para a garimpagem de uma pedra preciosa... No caso da nossa região, tem muito topázio imperial. O processo de garimpagem e o local são diferentes? Existe diferença?

Sebastião da Silva – Ah, existe! Com exceção do diamante que é lavado dentro da água... O diamante é faiscado no leito do rio também, não é? O topázio, que é o nosso caso aqui... Aqui para cima tem também, para cima de Rodrigo Silva³² também tem uma ocorrência, onde até se tira topázio com um maquinário. Mas o que é muito visado aqui é esse topázio. É o único! O topázio imperial não existe fora de Antônio Pereira. É raríssimo! Mas o processo já é diferente: ele é cavado na terra e é sorte. É sorte! E tem! Só que é muito difícil mexer. No caso de Antônio Pereira tem muita construção, já tem casa por cima e fica difícil mexer, é arriscado. É uma escavação arriscada. Sempre foi. No trabalho, a diferença do ouro para o topázio é esta: o ouro tem que estar sempre mexendo em água. Sempre tem que ter água; sem água não tem como. Fica difícil, no nosso caso, porque a concentração é baixa. Quando se acha uma pepita maior... Mas mesmo assim tem que ter água para lavar. No caso do topázio já é diferente. Trabalha-se ali na escavação e o cuidado é na hora de tirar o material: pode esbarrar na pedra, pode bater, pode trincar e a gema tem que estar intacta. Quanto mais... Quando chega a bater, ela estoura, ela trinca. Aí já não tem aquele valor comercial, não é? Mesmo sendo uma

³² Distrito de Ouro Preto.

pedra... Talvez não seja muito grande, talvez seja uma pedra menor um pouquinho, mas ela tem que estar limpinha para ter um valor muito importante.

Keka Simões – Existem outras pedras preciosas que são encontradas aqui nesta região, através do garimpo? É uma região que tem muito ou não?

Sebastião da Silva – É, mas Mariana... Aqui na nossa região, eles costumam achar, mas não é muito interessante. Existem alguns tipos. Em Ouro Preto, a gente vê muitas ocorrências de água-marinha, dessas pedras que são semipreciosas. Existem em determinados locais, da região de Ouro Preto para cá, mas não são muito atrativas, não é? Você precisa ter um grande volume para poder compensar mexer. Muitas vezes, já tem aquilo na mente da gente: o importante é achar o ouro ou achar o topázio. Porque não tem aquele comprador, não tem aquele mercado disponível... A não ser o pessoal que vem de fora e a pedra, a gema, a pedra bruta já passa na mão do artista que a trabalha direitinho, a coloca em um ponto que a torna atrativa. Mas sempre tem é... Mas ninguém nunca liga para isso. A gente vê muito em Ouro Preto, nas lojas de gemas que têm sempre à disposição... Mas, às vezes, a forma natural, como é encontrada, talvez seja o que mais atrai. E, às vezes, trabalha uma gema, uma semipreciosa ou não, mas já por questão de opção, não é? Mas o foco mesmo de procura, talvez até pelo fato de ser raro, é o topázio, no caso nosso aqui de Ouro Preto, Antônio Pereira. E pela questão até do acesso, da facilidade de se achar aqui o ouro: não tem aquele negócio de depender de alguém para ir trabalhar, não tem que registrar, fichar em uma carteira. Ele passa a mão na ferramenta e vai para o rio. A necessidade de a pessoa ter um dinheirinho na mão... A pessoa se torna mais voltada para garimpar o ouro ou perseguir o topázio, não é?

Keka Simões – O senhor sabe o que é uma Área de Reserva Garimpeira?

Sebastião da Silva – Olha, normalmente essa área de reserva de garimpo é uma área destinada somente ao garimpo. É uma área que pode ser registrada. É uma área que deve e, provavelmente, é registrada. É uma área para a qual se consegue esse registro. As pessoas, às vezes, dizem que não. Quando nós começamos a mexer com a documentação de Antônio Pereira, alguns garimpeiros falaram para mim: “Isso você não vai conseguir”. Não era eu, era a Associação que estava requerendo. E, por espanto, em quatro meses saiu o alvará de pesquisa, autorizando pesquisar ouro em Antônio Pereira. Ficou

provado que essa área reservada, essa área de reserva de garimpo é possível desde que ela não entre em confronto... Porque nós temos – já entrando cada um dentro do seu paralelo, o caso do seu parâmetro – a área de reserva de floresta, como a gente tem, não é? E também temos uma área que pode ser para reserva de garimpo. Igual a Antônio Pereira: essa área não tem nada, não tem vegetação, é somente minério, só minério e mais nada. Até é uma coisa interessante, porque, a partir dali, se pode fazer uma melhoria depois: plantar alguma coisa, arborizar e tirar o sustento. Eu poderia até dizer que essa região de Antônio Pereira é uma área de reserva de garimpo, porque é um local onde, no leito do rio, não tem como tirar minério de ferro. Primeiro porque a porcentagem de ferro é pobre. Segundo, por que tirar minério de ferro em leito de rio se lá no alto tem tanto minério de ferro? Para que procurar dificuldade se tem o caminho para a facilidade? Lá é um local onde as pessoas, a comunidade, já há muitos anos vivia de garimpo, dependia sempre desse garimpo. O que mais eles gostariam de ver ali – disso eu tenho certeza – seria aquela região com essa área disponível que tem lá. Não tem nada lá; só tem minério que não é de proveito para nenhuma mineração. Mas debaixo desse minério, junto a esse minério, tem o ouro. É um ouro muito bom, uma concentração boa de ouro.

Keka Simões – Sobre o alvará que o senhor falou, qual é o órgão que libera esse alvará?

Sebastião da Silva – Primeiro se faz um projeto... Uma Associação... Também uma pessoa física pode fazer isso; não é necessariamente uma pessoa jurídica. Quando se fala em Associação é porque a gente gosta de congregar, a gente gosta de reunir. Se for em nome de um grupo, para determinação de objetivo de um grupo, fica mais fácil trabalhar. Quando se trabalha com uma draga, só ali dentro daquele poço, trabalhando, são seis pessoas, são seis empregos diretos. Quer dizer, cada um sendo pai de família, são seis famílias que estão ali se sustentando, não é? Independentemente disso, tem toda uma ligação, tem um comércio que vende, que sustenta... Tem um combustível que sai para ali, várias coisas, não é? Então, primeiro se faz um projeto e encaminha-se esse projeto, colocando todas essas informações para o

DNPM³³. No DNPM é estudado o projeto, as finalidades, direitinho. E o DNPM libera ou não, não é? No caso, nós estamos contando com a liberação: sai um alvará que autoriza, por três anos, a pesquisa naquele local, identificando o que se vai pesquisar – no caso, se está pedindo pesquisa de ouro. Então, não se pode ter acesso a mais nada. Tem acesso ao ouro. Dali junta o alvará a esse projeto e leva para a FEAM³⁴, entra com esse documento na FEAM. Dentro do órgão da FEAM, eles vão passar as informações; dali segue para o IGAM³⁵. Vão ali todos os acessos: o IEF³⁶, a Polícia Militar de Meio Ambiente, a Secretaria de Meio Ambiente local, a Secretaria de Estado... Passa por todos os órgãos. Essa é a chamada licença operacional que vem da FEAM. Só que quando ela sai da FEAM, ela já passou pelo IGAM, já passou pela Secretaria de Meio Ambiente, já passou por todos os órgãos que estão envolvidos. Por quê? Porque hoje precisa ter, e claro como nunca, a responsabilidade de tirar o ouro, de extrair o mineral, de pesquisar, de operar e recuperar. Porque a degradação... Garimpo tudo bem. A gente sabe que todo mundo precisa viver e precisa trabalhar. É um trabalho honesto. E duro! Não é fácil! Mas o estrago é grande, não é? E leito de rio não é brincadeira! Então tem que ter responsabilidade para mexer.

Keka Simões – Era uma coisa que eu ia perguntar para o senhor: como se dá a recuperação de uma área que foi garimpada? Reflorestamento, como que...

Sebastião da Silva – Normalmente... Porque na nossa... Na região onde a gente vive, nós temos algumas formas de fazer isso. Quando trabalhava, e trabalho ainda quando tenho oportunidade... Porque o garimpeiro não esquece o rio. [riso] Ele sempre passa pela beira do rio, olha e fala assim: “Aqui tem ouro”. E eu fazia o quê? Quando eu estava puxando para o meu canalzinho, eu ia lá e cortava as galhas de... Eu virei o leito do rio... Eu moro bem longe do rio, mas no local onde a draga já passou, o rio vem sempre cortando. E no fundo da casa, do terreno onde eu moro, a draga entrou e deixou uma lagoa. Depois o rio entrou e entupiu. Então, quando tinha enchente, sempre tinha aquela queda que vai para aqui, vem para... Onde eu trabalhava, eu cortava a galha de aroeira, bambu verde, e estaqueava. Aquele estaqueamento vai brotar, ele

³³ Departamento Nacional de Pesquisa Mineral.

³⁴ Federação Estadual Ambiental.

³⁵ Instituto Geográfico de Águas Minerais.

³⁶ Instituto Estadual de Florestas.

brota. Passa uma semana, a pessoa chega ali e percebe que estão saindo os brotos. Vale comentar, porque, às vezes, a pessoa fala assim: “Você está plantando é na Terra. Não é na Lua”. Meu avô falava assim: “Quando você for fazer, você olha a Lua”. Às vezes, isso também influencia. Mas o certo é que eu sei que quando se coloca uma estaca... Em universidade eles fazem isso, com facilidade se estuda isso todo dia. No caso nosso aqui, estou falando de Viçosa³⁷, uma Universidade que mexe com esse tipo de atividade. Corta-se uma estaca verde, finca na terra; ela tem umidade, ela vai brotar. Então a gente está sempre trazendo o reflorestamento sem saber. E o que acontece no garimpo? Não se coordena... Se falar “Está autorizado”, diante do documento vai vir a responsabilidade de fazer esse reflorestamento. Agora, é preciso coordenar, porque esse trabalho é desgastante financeiramente. Então tem que ser coordenado. É por isso que o garimpeiro, às vezes, trabalha e não compensa voltar atrás para poder recuperar, senão ele perde o que ele ganhou. Ele gasta muito com manutenção e tudo! O certo seria isto: legalização. Mas é tanta... A dificuldade é muito grande para conseguir documentação. Mas a recuperação é dessa forma mesmo. Seria vir pegar aquilo ali, entupir aquele poço, aplainar aquilo, fazer estaqueamentos; olhar que tipo de árvore seria mais fácil desenvolver naquele local devido à umidade, à presença de água. Então, normalmente... Hoje tem muita facilidade, hoje tem como fazer isso com facilidade. Os órgãos... A Universidade de Ouro Preto³⁸, por exemplo, é uma grande parceira quando se trata disso! Eles têm boas informações, são muito bons parceiros e têm muita boa vontade em orientar.

Keka Simões – Como se avalia o resultado do garimpo? Por exemplo, trabalhou um dia. Quem faz a avaliação da quantidade ou da qualidade do ouro encontrado? Quem comercializa isso? Como isso é comercializado?

Sebastião da Silva – No caso do faiscador, no finalzinho do dia ele bate o pano, tira ali seus quatro décimos, cinco décimos de ouro, meio grama de ouro. Às vezes, dá sorte e vai mais do que isso: até um grama por dia. Na draga de garimpo, no final do dia, pára o motor – o motor fica ali, só ligado para não deixar o poço encher – e vai tirando aquele material que foi jogado na caixa. Tiram-se os carpetes, bate aquilo e vai lavando pouco a pouco aquele material.

³⁷ Refere-se à Universidade Federal de Viçosa.

³⁸ Universidade Federal de Ouro Preto.

Vai tirando e apurando. Em um bom local... Médio, eu diria médio. Em um bom se conseguem até, mais ou menos, uns 500 gramas de ouro por dia. É considerável, não é? Pelo preço... Porque ouro vale peso pelo preço. Então, um garimpo que dá para sustentar, um poço de garimpo que é bom para poder trabalhar, a partir de 80 gramas, 70 gramas por dia ele já não dá prejuízo. E o trabalho é feito dessa forma: vai tirando o material, vai lavando na bateia. Depois esse material... Infelizmente, não existe ainda um processo menos perigoso, porque se começou a usar o mercúrio para apuração. A gente sabe que o mercúrio é altamente prejudicial à natureza e até à própria saúde humana. Perigoso pelo contágio: ele está queimando, o mercúrio está exalando; depois ele se condensa no ar e retorna para a terra, cai no leite, principalmente na água. E também por questão de acidente, não é? Corre-se o mesmo risco com o óleo. Mas a apuração é feita dessa forma. Depois que separa esse ouro, apuram-se, normalmente, de 60 a 70 gramas de ouro por dia. Menos do que isso fica inviável trabalhar com draga.

Keka Simões – No caso da comercialização desse ouro, existem pessoas que, no caso do fiscador e no caso da draga... Imagino que a comercialização deva ser diferente no caso da draga, por ser uma quantidade maior. Existe um comércio próximo para a venda desse produto?

Sebastião da Silva – Normalmente são pessoas que também vivem na informalidade, não é? Para se poder chegar a um comércio legal – é sempre o objetivo que a gente tem –, mas o comércio... Hoje, normalmente comprador de ouro não é uma pessoa credenciada pelo governo, uma pessoa que... Não tem isso. Infelizmente não tem isso ainda, não é? A gente não tem uma casa de câmbio, por exemplo. Um banco hoje não trabalha dessa forma. Isso seria o ideal, não é? Até porque... Não sei, talvez fica como se fosse um atravessador. Na verdade quem faz esse tipo de coisa é porque vai lá. Eu trabalhava em Ribeirão, ficava trabalhando em Bandeirantes: “Ah! Fulano está comprando ouro”. Às vezes, qualquer um chegava: “Paga, pesa aí e me dá o dinheiro”. Hoje em dia, qualquer pessoa que tenha um dinheiro no bolso, se ela quiser, está comprando ouro. É um metal que foi extraído ali, a procedência dele é uma procedência que não é duvidosa, não é? Mas não existe assim um mercado legal. Agora, tem sim. A gente sabe que, se for a Belo Horizonte, consegue vender talvez por um preço melhor. Se eles compram, eles vendem

para alguém. Só que a gente não tem aquele volume que compensa. Então quando ele vem, ele compra – vamos supor aí, não sei quanto está hoje – por 40 reais o grama. Ele deve vender por 45, talvez. Se ganha um dinheiro considerável em um quilo de ouro, por exemplo. Então, a forma de comercializar normalmente é assim. É informal mesmo, sempre foi informal.

Keka Simões – O senhor já falou de problemas, de um acidente ambiental – o uso do mercúrio – que pode trazer problemas. No garimpo, algum tipo de problema pode acontecer com o garimpeiro, colocando-o em risco?

Sebastião da Silva – Dentro de um garimpo, é preciso ter muita... Primeiro: ter cuidados com a questão de queimada. Pode ocorrer um acidente mesmo dentro da própria balsa, em cima da própria balsa. A pessoa está em movimento: um está aqui, trabalhando, e um barranco pode descer para o poço. Existem certos riscos que são riscos iminentes, que estão sempre ali. Porque o garimpeiro está ali mexendo com a maraca, sugando o material embaixo e, às vezes, está em um poço fundo. Está muito alheio ao que está acontecendo fora. É importante ter alguém sempre alerta, dentro da equipe. Normalmente, o dragueiro tem que ter esse cuidado de estar observando se não tem algum motivo... De repente, pode ter o perigo de um risco de um desabamento. Cuidado para não entrar embaixo de raízes de árvores. É muito perigoso, porque, às vezes, vem descendo e desce de uma vez. O próprio arrombamento de um poço é perigoso, porque o poço fica cercado: jogando o material para lá, para fora, dentro de um poço que fica lá no fundo! Quando o ouro está muito fundo, tem que ter muito cuidado! Pode haver um arrombamento. Ter o cuidado de fazer uma parede consistente, bem feita, para não haver uma invasão de água dentro do poço, o que também é um risco iminente. Então, tem que ter certa cautela porque é um risco, conforme todas as profissões têm, todas as formas de trabalhar têm. Mas como ele não está dentro de uma empresa... Às vezes, até o dono da própria draga não está ali, precisa sair, porque ele é tudo: é o dono, é o patrão, também é empregado junto ali, não é? É uma equipe que tem estar muito unida, principalmente porque são poucas pessoas e há risco. A vida é sempre uma vida; mutilar um dedo já é complicado! Normalmente, o garimpeiro não tem uma carteira assinada, ele precisa... O importante de uma área registrada, como a que a gente queria estar com essa Associação, é justamente para poder... Se não

está registrado em carteira, que estivesse recolhendo a Previdência como autônomo, para dar uma garantia, uma segurança, porque existem muitas formas de ocorrer acidentes.

Keka Simões – Eder, você tem alguma pergunta?³⁹ Senhor Sebastião, eu gostaria de agradecer a contribuição que o senhor está dando para a gente entender um pouco mais do garimpo. E, em nome do Trem da Vale, agradeço a presença do senhor aqui, nos dando este depoimento.

Sebastião da Silva – Eu fico satisfeito e gostaria também de agradecer esta oportunidade. É sempre bom poder contribuir. Principalmente porque tem classe – como é o caso de garimpeiros – que precisa até ter uma certa atenção e, quem sabe, achar alguns caminhos para favorecer. Independentemente de qualquer coisa, são pais de família, são pessoas... E é trabalho, não é? Independentemente de qual seja o trabalho – seja com uma caneta na mão, seja pensando, raciocinando ou inventando, criando alguma coisa, seja a mão, um braço trabalhando, erguendo um peso –, ele é digno. Então eu agradeço também. Muito obrigado.

Keka Simões – Obrigada ao senhor.

[Término da entrevista]

³⁹ O monitor indica com um gesto que não tem perguntas.